

Inovação e aprendizagem independente na educação básica

Educação para inovação é um tema recente, globalizado e ainda sem respostas claras ou receitas definitivas. Os vínculos entre esses dois temas, ainda que sempre tenham existido ao longo da história, nunca tiveram a dimensão e a relevância que têm hoje, demandando que sejam explorados com extrema cautela e profundidade, com especial atenção ao modo como o conhecimento é produzido atualmente e como ele tem sido transmitido pelas metodologias tradicionais de ensino e de aprendizagem.

As pessoas possuem uma formação permanente, ou seja, há sempre o anseio pelo novo, o que as faz buscar incessantemente sua atualização. Aprender na escola e fora dela já faz parte da rotina da nova geração, e os alunos somente poderão estar preparados para os desafios futuros se, ao longo da vida, estiverem sendo preparados para explorar suas máximas potencialidades. Para tanto, precisam adquirir conhecimentos para, sincronicamente, desenvolver uma gama de habilidades que os capacite plenamente em tarefas necessárias tais como leitura, escrita, matemática e ciências, complementadas por outras que se mostram também necessárias, como capacidade de resolver problemas, ética, autoconfiança, pensamento crítico, comunicação interpessoal, iniciativa, liderança, colaboração e trabalho em equipe.

Assim, o tradicional e o novo se completam sem prejuízo dos conteúdos tradicionais, incluindo letramento, matemática e gosto pela ciência, pelas artes e pelos esportes. Teremos que, desde cedo, explorar nos alunos novas habilidades como elementos de autonomia, incorporando a abordagem da aprendizagem independente como método de induzir o “aprender a aprender”. Por exemplo, as atitudes que podem estimular a capacidade de tratar temas complexos podem começar tão cedo quanto o hábito de ir à escola, ou mesmo antes disso. O uso de tecnologias digitais permite aos estudantes outras experiências, antes ou depois das aulas regulares, e pode ser algo menos complicado e mais estimulante do que os educadores possam imaginar, dado estarmos falando de seres que são absolutamente nativos digitais.

Finalizando, cito a correta observação de Matthew Lipman, que diz que há mesmo muito em comum entre as crianças, os jovens, os filósofos e os inovadores em geral: a capacidade de se maravilhar com o mundo e querer transformá-lo. Olhar com olhos de estranhamento, e não de acomodação, pode fazer com que a nova geração vislumbre novos problemas e novas soluções. ■



Ronaldo Mota

Pesquisador de Física do CNPq, consultor nas áreas de Educação e Inovação
ronamota@gmail.com